

# O Aprisionamento de Satanás (Apocalipse 20:1-3)

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. <sup>2</sup> Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. <sup>3</sup> E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo. (Ap. 20:1-3)

**1** A importância das imagens nessa passagem é engrandecida por sua centralidade como a quarta das sete visões introduzidas pela expressão **E vi** (*kaiéidon*, cf. 19:11, 17, 19; 20:4, 11; 21:1). S. João vê um anjo descendo do céu, tendo a chave do abismo e uma grande cadeia em sua mão. Novamente, como em 10:1 e 18:1 (cf. 12:7), esse é o Senhor Jesus Cristo, que como Mediador é o Anjo (Mensageiro) do Pacto (Ml. 2:7; 3:1). Seu controle e autoridade absolutos sobre o abismo são simbolizados pela chave e a grande cadeia. O autor coloca um contraste evidente: Satanás, a estrela perversa que *caiu* do céu, *recebeu* a chave do abismo por um breve tempo (9:1); mas Cristo **desceu** do céu, tendo como Sua possessão justa “as chaves da morte e do inferno” (1:18).

**2-3** S. João reúne as várias descrições do maligno que ele usou ao longo da profecia: **o Dragão** (12:3-4, 7, 9,13,16-17; 13:2, 4,11; 16:13), **a antiga Serpente** (9:19; 12:9, 14-15), **o diabo** (2:10; 12:9, 12), **Satanás** (2:9, 13, 24; 3:9; 12:9), **o enganador do mundo todo** (2:20; 12:9; 13:14; 18:23; 19:20). Mas o poder temível desse inimigo serve somente para demonstrar a grandeza sobreexcelente do seu Conquistador, que o tornou impotente tão facilmente: Jesus Cristo, em Sua missão como “o anjo do céu”, **prende o dragão... e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele.** Como S. João declarou em sua primeira epístola, Cristo “se

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em agosto/2008.

manifestou: para desfazer as obras do diabo” (1 João 3:8). Em termos desse propósito, o Senhor começou “manietando o homem valente” durante Seu ministério terreno; tendo completado com sucesso Sua missão, *Ele está agora saqueando a casa de Satanás e furtando os seus bens*.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. <sup>29</sup> Ou, como pode alguém entrar em casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando então a sua casa? (Mt. 12:28-29; cf. Lucas 11:20-22).

Herman Ridderbos comenta sobre a importância dessa declaração, e fornece um excelente sumário dos relatos que o Evangelho faz da vitória de Cristo sobre o diabo: “Essa passagem [Mt. 12:28; Lucas 11:20] não é uma passagem isolada. Toda a luta de Jesus contra os demônios é determinada pela antítese entre o reino do céu e o governo de Satanás, e de novo o poder superior de Jesus sobre Satanás e o domínio de Satanás prova o avanço por parte do reino de Deus. Isso já foi provado no começo pela tentação no deserto. Não pode haver dúvida que nisso o assunto é o reino messiânico de Jesus. Três vezes seguidas esse é o ponto de partida de Satanás, fazendo referência às palavras divinas sobre Jesus em seu batismo (Mt. 3:17; Marcos 1:11; Lucas 3:22; Mt. 4:3, 6; Lucas 4:3, 9). Especialmente a tentação com respeito a ‘todos os reinos do mundo’ (Mt. 4:8ss.; Lucas 4:5ss.) mostra o que está em questão na luta entre Jesus e Satanás. Aqui Satanás aparece como ‘o príncipe do mundo’ (cf. João 12:31; 14:30; 16:11), que se opõe ao reino de Deus, e que sabe que Jesus disputará esse poder com ele em nome de Deus. Aqui, então, juntamente a verdade sobre o Messias, o reino de Deus está em questão. Ao mesmo tempo parece que a vitória sobre Satanás a ser ganha pelo reino de Deus não é somente uma questão de *poder*; mas primeiro e principalmente uma questão de *obediência* por parte do Messias. O Messias não deve fazer um uso arbitrário da autoridade lhe confiada. Ele terá que adquirir o poder que Satanás lhe oferece somente no modo ordenado por Deus. Esse é o porquê a rejeição da tentação por parte de Jesus já é o princípio da sua vitória e a chegada do reino, embora essa vitória terá que ser renovada repetidamente durante a sua vida sobre a terra (cf. Lucas 4:13; Mt. 16:23, e passagens paralelas; 26:38, e paralelas; 27:40-43, e paralelas). Desde o começo da sua atividade pública, o poder de Jesus sobre Satanás foi afirmado. Tal coisa não foi provada meramente pela expulsão de demônios, mas também pela *maneira como aqueles possuídos pelo diabo se comportavam em sua presença* (cf. Marcos 1:24; Lucas 4:34; Marcos 5:7; Mt. 8:29; Lucas 8:28, 31). Quando Jesus

se aproxima eles gritam, obviamente com medo. Eles mostram que possuem um conhecimento sobrenatural de sua pessoa e do significado da sua vinda (cf. Marcos 1:34; 3:11). Eles o chamam de ‘o Santo de Deus’, ‘o Filho de Deus’, ‘Filho do Deus altíssimo’. Mediante isso eles reconhecem sua dignidade messiânica (cf. Lucas 4:41). Eles consideram sua vinda como a destruição (Marcos 1:24; Lucas 4:34) e tormento (Mt. 8:29; Marcos 5:7; Lucas 8:28) deles. Eles se sentem impotentes e tentam apenas prolongar a sua própria existência sobre a terra (Mt. 8:29; Marcos 5:10), e imploram-no para que envie-os para ‘o abismo’, isto é, o lugar de sua desgraça eterna (Lucas 8:31, cf. Ap. 20:3ss.). Tudo isso mostra que na pessoa e vinda de Jesus, o reino se tornou uma realidade presente. Pois o exercício do poder de Deus sobre o diabo e o seu governo teve a chegada do reino como seu fundamento.

“E finalmente devemos nos referir nesse contexto a Lucas 10:18-19. Jesus enviou os setenta (ou setenta e dois) que voltaram até ele e disseram-lhe do sucesso da missão deles. E então Jesus diz: ‘Eu via Satanás, como raio, cair do céu’. Assim, ele aceita a alegria daqueles que enviara e mostra-lhes o pano de fundo do poder deles sobre o diabo. O significado geral disso é claro: o próprio Satanás caiu com grande força de sua posição de poder. Isso é o que Jesus tinha visto com seus próprios olhos. Os partidários de Satanás não podem se manter... O que conta nessa conexão é que o que é dito aqui é essencialmente a mesma coisa encontrada em Mateus 12:28 e Lucas 11:20, isto é, o grande momento do colapso do governo de Satanás chegou e ao mesmo tempo daquele da chegada do reino do céu. A redenção não é mais futura, mas tornou-se *presente*. Nessa luta é o próprio Jesus quem quebrou o poder de Satanás e que continua a fazê-lo. Tal aparece a partir do que segue quando ele discute o poder dos discípulos que eles tinham recebido dele para lidar com serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, de forma que, no futuro também, nada seria impossível para eles. Por *inimigo* quer-se dizer Satanás novamente. *Serpentes* e *escorpiões* são mencionados aqui como seus instrumentos (Sl. 91:13), pelos quais ele traiçoeiramente tenta arruinar o homem. Mas qualquer poder que Satanás tinha a sua disposição para trazer morte e destruição (cf., e.g., Hb. 2:14) foi sujeitado aos discípulos. Tudo isso implica e confirma que o grande momento da salvação, o cumprimento da promessa, o reino do céu, tinha chegado.”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Herman Ridderbos, *The Coming of the Kingdom* (St. Catherines, Ontario: Paideia Press, [1962] 1978), pp. 62ff.

Toda a mensagem do Novo Testamento (cf. Ef. 4:8; Cl. 2:15; Hb. 2:14) enfatiza que Satanás foi definitivamente derrotado na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. É absolutamente crucial lembrar que ao falar da “Ascensão” de Cristo – Sua Vinda ao Trono do Ancião de Dias (Dn. 7:13-14) – estamos falando não somente de Seu ato único de ascensão nas nuvens, mas também das conseqüências diretas e imediatas desse ato: o derramamento do Espírito sobre a Igreja em 30 d.C. (Lucas 24:49-51; João 16:7; Atos 2:17-18, 33), e o derramamento de ira sobre Jerusalém e o Templo em 70 d.C. (Dn. 9:24-27; Atos 2:19-20). Pentecostes e Holocausto foram a Ascensão aplicada. O ato final no drama da prisão *definitiva* (como distinguida da prisão *progressiva* e *consumativa*)<sup>3</sup> de Satanás foi executado na destruição do sistema do Antigo Pacto. Esse é o porquê S. Paulo, escrevendo uns poucos anos antes do evento, pôde assegurar à Igreja que “o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés” (Rm. 16:20).

Por todas essas razões, é geralmente sugerido tanto por autores pós-milenistas como amilenistas que o aprisionamento de Satanás, **para que não mais engane as nações**, refere-se à sua incapacidade de impedir que a mensagem do Evangelho alcance sucesso. E, até onde vai, essa interpretação certamente tem garantia bíblica: Antes da vinda de Cristo, Satanás controlava as nações;<sup>4</sup> mas agora sua ação mortífera tem sido destruída pelo Evangelho, à medida que as boas novas do Reino se espalham pelo mundo. O Senhor Jesus enviou o Apóstolo Paulo às nações gentias “para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (Atos 26:18). Cristo veio para “reger os gentios” (Rm. 15:12).

<sup>3</sup> Satanás está preso *progressivamente*, à medida que o Reino de Cristo cresce na história, estendendo sua influência para transformar cada aspecto da vida (Mt. 5:13-16; 13:31-33), e na experiência diária dos cristãos à medida que resistimos com sucesso ao diabo (Tiago 4:7) e proclamamos a Palavra de Deus (Ap. 12:11). Satanás será preso *consumativamente* no Último Dia, quando a própria morte será destruída na Ressurreição (João 6:39-40; 1Co. 15:22-26, 51-54). Sobre o padrão definitivo-progressivo-final em geral, veja David Chilton, *Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion* (Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1985), pp. 24f., 42, 73, 136, 146ss., 206, 209, 223.

<sup>4</sup> Um bom relato da difusão da atividade e controle demoníaco através do mundo pagão antigo está contido nos primeiros dez livros da *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, mas o fato é óbvio mesmo nos escritos dos próprios pagãos. Quase toda página de *History* de Herodotus ou de *Aeneid* de Virgil carrega um testemunho eloqüente e explícito da tirania dos “deuses” exercida sobre cada aspecto da vida e pensamento pagão. Todavia, tudo se deteve com a Ressurreição de Cristo: Os deuses subitamente pararam de falar, como o escritor pagão Plutarco observou em sua obra *On Why Oracles Came to Fail*, e como S. Atanásio observa em seu tratado clássico *Sobre a Encarnação da Palavra de Deus*. Cf. a discussão extensa do desaparecimento da cosmovisão arcaica em Giorgio de Santillana and Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay on Myth and the Frame of Time* (Ipswich: Gambit, 1969), pp. 56-75, 275-87, 340-43.

Que Satanás tinha sido aprisionado não significa que toda a sua atividade cessou. O Novo Testamento nos diz especificamente que os demônios foram desarmados e presos (Cl. 2:15; 2Pe. 2:4; Judas 6) – todavia, eles ainda estão em atividade. A atividade deles foi apenas restringida. E, à medida que o Evangelho progride por todo o mundo, a atividades deles se tornará ainda mais limitada. Satanás é incapaz de impedir a vitória do Reino de Cristo. Nós venceremos (1 João 4:4). “Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão” (Atos 28:28).

Os grandes pais e mestres da Igreja sempre reconheceram que Cristo derrotou definitivamente Satanás em Sua Primeira Vinda. Como S. Irineu disse: “A Palavra de Deus, o Criador de todas as coisas, conquistando-o por meio da natureza humana, e mostrando-lhe ser um apóstata, colocou-o sob o poder do homem. Pois Ele diz, ‘Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo’ [Lucas 10:19], para que, assim como ele obteve poder sobre o homem pela apostasia, assim novamente sua apostasia possa ser privada de poder por meio do homem retornando a Deus”.<sup>5</sup> Santo Agostinho concordava: “O diabo foi conquistado pelo prêmio de sua vitória. O diabo pulou de alegria quando seduziu o primeiro homem e lançou-lhe à morte. Ao seduzir o primeiro homem, ele lhe assassinou; ao matar o último homem, ele perdeu o primeiro [homem] da sua armadilha. A vitória do nosso Senhor Jesus Cristo chegou quando ele ressuscitou, e ascendeu ao céu; então foi cumprido o que ouvis quando o Apocalipse está sendo lido, ‘o Leão da tribo de Judá venceu’ [Ap. 5:5]... o diabo pulou de alegria quando Cristo morreu; e pela própria morte de Cristo, o diabo foi vencido: ele pegou, por assim dizer, a isca na ratoeira. Ele regozijou-se na morte, pensando ser ele o comandante da morte. Mas aquilo que causou sua alegria colocou a isca diante dele. A cruz foi a ratoeira do diabo: a isca que atraiu-lhe foi a morte do Senhor.”<sup>6</sup>

Mas a ênfase precisa de Apocalipse 20 parece lidar com algo muito mais específico que um aprisionamento geral e derrota de Satanás. S. João nos diz que o Dragão está **preso** com referência à sua capacidade de **enganar as nações** – em particular, como aprendemos do versículo 8, o poder do Dragão para “enganar as nações... *para as ajuntar em batalha*”. O objetivo declarado do

<sup>5</sup> St. Irenaeus, *Against Heresies*, v.xxiv.4.

<sup>6</sup> St. Augustine, *Sermons*, 261; trans. by Henry Bettenson, ed., *The Later Christian Fathers: A Selection From the Writings of the Fathers from St. Cyril of Jerusalem to St. Leo the Great* (Oxford: Oxford University Press, 1970, 1977), p. 222.

engano do Dragão é aticar as nações para unirem forças contra Cristo para a batalha final e geral no fim da história. O desejo de Satanás desde o princípio tem sido freqüentemente provocar um cataclismo escatológico prematuro, para produzir o final do mundo e o Juízo Final *agora*. Ele quer precipitar Deus em julgamento para destruí-Lo, ou pelo menos causar um curto-circuito em Seu programa e destruir o trigo com o joio (cf. Mt. 13:24-30). Num sentido, ele pode ser considerado como seu próprio *agente provocador*, levando suas tropas a se precipitarem numa rebelião final que trará o julgamento de Deus e impedirá o pleno amadurecimento do Reino de Deus. Escrevendo sobre a parábola do fermento de Jesus – “O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado” (Mt. 13:33) – Gary North observa: “O reino de Deus é como o fermento. A Cristandade é a levedura, e tem um efeito fermentador sobre a cultura pagã e satânica ao seu redor. Ele permeia o todo da cultura, fazendo-lhe crescer. O pão que é produzido por esse levedo é o *pão preferido*. Em tempos antigos – na verdade, até o advento do industrialismo no final do século XIX e dos métodos modernos de agricultura – o pão levedado era considerado como o sustento da vida, o símbolo da mão sustentadora de Deus. ‘O pão nosso de casa dia dá-nos hoje’, tem orado os cristãos ao longo dos séculos, e tem comido pão levedado em suas mesas. Assim faziam os hebreus antigos. O reino de Deus é a força que produz o pão de qualidade excelente, que os homens procuram. O simbolismo deveria ser óbvio: *o Cristianismo torna a vida uma alegria para os homens piedosos. Ele fornece aos homens o melhor do melhor.*

“O fermento leva tempo para produzir seu efeito. Demora até que a massa levedada cresça. *O fermento é um símbolo da continuidade histórica, assim como o pão não levedado era o símbolo da descontinuidade histórica de Israel.* Os homens podem esperar que a levedura faça o seu trabalho. Deus dá tempo ao homem para que Seu fermento espiritual faça o trabalho nele. Os homens não podem entender exatamente como o fermento trabalha – como o poder espiritual do reino de Deus se espalha por toda a sua cultura e faz com que ela cresça – mas eles podem ver e provar os seus efeitos. Se realmente seguirmos a analogia, podemos apontar o fato que a massa é socada pelo padeiro várias vezes antes da fornalha final, quase como se Deus, por meio dos agentes de Satanás no mundo, socasse o Seu reino na história. Contudo, a levedura faz o seu trabalho maravilhoso, *conquanto o fogo do forno não seja aceso prematuramente.* Se o

calor total do forno é aplicado à massa antes do levedo ter feito o seu trabalho, tanto o levedo como a massa perecerão nas chamas. Deus espera até aplicar o calor final (2Pe. 3:9-10). Primeiro, Seu levedo – Sua igreja – deve fazer o seu trabalho, no tempo e sobre a Terra. O reino de Deus (que inclui a igreja institucional, mas é mais ampla do que essa) deve crescer, tirando a corrupção da massa satânica do reino de Satanás com o evangelho da vida, incluindo a reconstrução vivificante de todas as instituições da cultura.

“Que descrição maravilhosa do reino de Deus! Os cristãos trabalham com o material cultural disponível em determinada cultura, procurando refiná-la, permeá-la, e transformá-la em algo excelente. Eles sabem que serão bem sucedidos, assim como o levedo tem êxito finalmente na massa, se se lhe dá tempo suficiente para fazer o seu trabalho. Isso é o que Deus implicitamente nos promete na analogia do fermento: *tempo suficiente para realizar nossas missões individuais e coletivas*. Ele nos diz que o reino produzirá o pão desejável da vida. Isso levará tempo. Isso pode requerer várias pancadas, como se Deus, através da hostilidade do mundo, amassasse a massa cheia de levedura da cultura dos homens. Mas o resultado final está garantido. Deus não pretende queimar o Seu pão, fazendo dele algo inútil por colocá-lo prematuramente no forno. Ele é um padeiro melhor que isso.”<sup>7</sup>

Como Tertuliano declarou em sua defesa magistral da fé cristã: “Somos um corpo unido por uma profissão religiosa em comum, por uma disciplina piedosa, por um laço de esperança. Reunimo-nos como uma assembléia e congregação para que, como uma força organizada, possamos assaltar a Deus com as nossas orações. Tal violência é aceitável a Deus. Também oramos pelos imperadores, por seus ministros e aqueles que estão em autoridade, pelo bem-estar temporal do homem, *pela paz do mundo, pela demora do fim de todas as coisas*.”<sup>8</sup>

O ponto específico do aprisionamento do Dragão, portanto, é impedir que ele incite a “guerra escatológica para por fim a todas as guerras”, a batalha final – até que Deus esteja pronto. Quando o Reino-Cidade de Deus estiver plenamente amadurecido, então Ele soltará uma vez mais Satanás e permitirá que ele engane as nações para a conflagração final. Mas o fogo cairá de acordo

<sup>7</sup> Gary North, *Moses and Pharaoh: Dominion Religion Versus Power Religion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985), pp. 169s.

<sup>8</sup> Tertullian, *Apology*, 39; trans. by Henry Bettenson, *The Early Christian Fathers: A Selection from the Writings of the Fathers from St. Clement of Rome to St. Athanasius* (Oxford: Oxford University Press, 1956,1969), p. 141. Itálico adicionado.

com o planejamento de Deus, não do Dragão. Em cada ponto, Deus está controlando os eventos para a Sua própria glória.

Satanás deve permanecer aprisionado, S. João nos diz, por **mil anos** – um número grande e arredondado. Temos visto que, como o número *sete* conota uma plenitude de *qualidade* na imagem bíblica, o número *dez* contém a idéia de uma plenitude de *quantidade*, em outras palavras, representa *muitos*. Um mil multiplica e intensifica isso (10 x 10 x 10), para expressar grande vastidão (cf. 5:11; 7:4-8; 9:16; 11:3,13; 12:6; 14:1, 3, 20).<sup>9</sup> Assim, Deus afirma possuir “o gado sobre mil montanhas” (Sl. 50:10, KJV). Isso sem dúvida não significa que o gado sobre a 1.001ª montanha pertence a alguém outro. Deus é dono de todo o gado sobre todas as montanhas. Mas Ele diz “mil” para indicar que existem muitas montanhas, e muito gado (cf. Dt. 1:11; 7:9; Sl. 68:17; 84:10; 90:4). Similarmente, os **mil anos** de Apocalipse 20 representam um período vasto e indefinido de tempo (embora sua natureza limitada e provisional como uma era antes da consumação seja indicada pelo fato que a frase é mencionada apenas *seis* vezes em todo o livro de Apocalipse). Ela já durou quase 2.000 anos, e provavelmente durará muito mais. Milton Terry observa: “Os *mil anos* devem ser entendidos como um número simbólico, denotando um longo período. É um número redondo, mas significa um período indefinido, uma era cuja duração seria tolice tentar computar. Seu princípio data desde a grande catástrofe desse livro, a queda da Babilônia mística. É a era que começa com a saída do grande Conquistador de 19:11-16, e continua até que ele tenha colocado todos os seus inimigos sob os seus pés (1Co. 15:25). É o mesmo período requerido para que a pedra da profecia de Daniel (Dn. 2:35) encha a terra, e o grão de mostarda da profecia de Jesus consuma seu crescimento mundial (Mt. 13:31-32). Até quando o Rei dos reis continuará Sua batalha contra o mal e deferirá o último golpe decisivo, quando Satanás será ‘solto por um pouco de tempo’, nenhum homem pode julgar, nem sequer aproximadamente. Ele pode requerer um milhão de anos.”<sup>10</sup>

O aprisionamento do Dragão impede-o de enganar as nações, até que os mil anos se acabem; e depois importa que seja solto por um pouco de tempo, no qual ele sairá para enganar as nações novamente. A história do

<sup>9</sup> Uma analogia desse uso bíblico é a forma como nós, com uma mentalidade mais inflacionária, usamos o termo *milhão*: “Eu já lhe disse isso um milhão de vezes!” (Suspeito que até mesmo os “literalistas” falam dessa forma em determinadas ocasiões.)

<sup>10</sup> Milton Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), p. 451.



Dragão será retomada novamente no versículo 7, e assim aqui precisamos notar apenas o uso que S. João faz da palavra **importa** (literalmente, é **necessário**; cf. 1:1; 4:1; 10:11; 11:5; 13:10; 17:10; 22:6). Em cada ponto, a atividade de Satanás acontece sob o governo estrito da Providência de Deus. Como Swete observa: “é vão especular sobre o fundamento dessa necessidade” (sobre o que ele imediatamente passa a especular!);<sup>11</sup> é suficiente saber que Deus decretou sua necessidade. O Dragão não é o seu próprio senhor. Ele foi preso, amarrado e lançado no Abismo, e um dia será solto novamente por um breve tempo – mas tudo isso acontece de acordo com o bom e santo propósito de Deus. Todo o ódio e ira do Dragão contra o Reino de Cristo serão completamente impotentes e ineficazes; ele não tem poder para fazer nada, até que seja deliberadamente **solto** por Aquele que tem a chave do Abismo.

**Fonte:** *The Days of Vengeance*, David Chilton, p. 499-508.

---

<sup>11</sup> Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), p. 261.